Artigo original Recebido em: 05/03/2026 Parecer emitido em: 07/04/2026

AGRICOLA, N.P.A.; SILVA; V.C. da, Estudo do efeito do saque na definição do ponto no voleibol de alto rendimento. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.25, n.01, p.17-24, 2026. ISSN; 1981-4313.

ESTUDO DO EFEITO DO SAQUE NA DEFINIÇÃO DO PONTO NO VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO

STUDY OF THE EFFECT OF THE SERVE ON POINT DEFINITION IN HIGH-PERFORMANCE VOLLEYBALL

Nestor Persio Alvim Agricola
Victoria Costa da Silva
Universidade Federal de Jataí - UFJ
Instituto de Ciências da Saúde - ICS

RESUMO

O voleibol é um esporte complexo quando observado pela ótica científica e acadêmica, principalmente se considerar que os grandes resultados, as grandes performances são alcançadas em larga medida fazendo uso de estudos pioneiros. O objetivo deste trabalho foi fornecer informações e análises sobre o jogo de voleibol que possam subsidiar a melhora do desempenho de equipes e atletas, contribuindo, assim para aproximação entre o esporte de alto rendimento e a pesquisa científica e acadêmica. Scout é uma forma de coletar dados numéricos durante a partida ou treinamento e posteriormente, a partir de ferramentas estatísticas, fazer análises táticas mais detalhadas. Os scouts se tornam essenciais para o desenvolvimento das performances dos atletas em função da natureza numérica conferida ao desempenho. O que os dados desse estudo nos mostram é que o voleibol feminino apresenta maior efetividade no saque, no que diz respeito ao efeito do saque para o desfecho do ponto. Cerca de um terço dos saques dados no feminino se desdobram em pontos para a equipe que saca. No voleibol masculino, embora os jogadores consigam imprimir maior força ao saque, não conseguem converter essa vantagem em efetividade, na medida em que se erra mais saques e também ocorrem maiores índices de sideout pela equipe que recebe o saque.

Palavras-chave: Voleibol. Desempenho. Scout. Alto rendimento.

ABSTRACT

Volleyball is a complex sport when viewed from a scientific and academic perspective, especially considering that great results and performances are largely achieved through pioneering studies. The objective of this work was to provide information and analyses about the game of volleyball that can support the improvement of the performance of teams and athletes, thus contributing to the connection between high-performance sport and scientific and academic research. Scouting is a way of collecting numerical data during a match or training and subsequently, using statistical tools, conducting more detailed tactical analyses. Scouts become essential for the development of athletes' performances due to the numerical nature conferred on performance. What the data from this study show us is that women's volleyball has greater effectiveness in the serve, in terms of the effect of the serve on the outcome of the point. About one-third of the serves in women's volleyball result in points for the serving team. In men's volleyball, although players are able to put more power into their serves, they are unable to convert this advantage into effectiveness, as there are more service errors and also higher rates of sideouts by the receiving team.

Keywords: Volleyball. Performance. Scouting. High performance.

INTRODUÇÃO

O esporte de alto rendimento tem sido cada vez mais estudado com rigor científico e acadêmico em seus diferentes aspectos relacionados às condições emocionais, físicas e fisiológicas, antropométricas e também de desempenho individual e coletivo (Gouveia, 2005); (Massa *et al.*, 2003). Não há limites para a profundidade com que se pode investigar um fator qualquer relacionado ao esporte, na medida em que o objetivo final é sempre levantar informações novas que possam contribuir para a melhora do desempenho e para os resultados esportivos.

O voleibol é um esporte complexo principalmente se considerar que os grandes resultados, as grandes performances são alcançadas em larga medida fazendo uso de estudos de desempenho. Assim como nesse esporte existem limitações físicas e antropométricas para se alcançar alto rendimento, o atleta que alcança tal feito conta com o aporte tecnológico em todos os aspectos que envolvem as conquistas. O esporte de rendimento se vale de mecanismos tecnológicos, matemáticos e estatísticos de registro e análise de dados para obtenção de resultados superiores.

A quantificação de desempenhos, mais conhecida com Analise de Jogo (Matias; Greco, 2009), é a referência para a conquista de resultados superiores no voleibol e em diversos outros esportes e é adotada hoje por absolutamente todas as grandes equipes. Os sistemas de observação que visam coletar dados a fim de desenvolver métodos para aumentar o rendimento dos atletas vêm crescendo e se tornando cada vez mais essenciais para equipes de todos os esportes, uma vez que dados coletados podem mostrar pontos fortes e fracos, a frequência e a relevância desses pontos no resultado final de uma partida ou torneio (Garganta, 2001). As análises são cada vez mais profundas e detalhadas, contemplando aspectos específicos e objetivos dos jogos coletivos esportivos e das equipes. A Análise de Jogo é a nova referência para o estudo do esporte de rendimento.

Entre as estratégias de estudos propostas pela Análise de Jogo está o uso de scouts em treinamentos e em partidas oficiais, que são ferramentas de registro sistemático dos acontecimentos de jogo. Os scouts oferecem possibilidades diversas para o registro quantitativo das ações do jogo e fornecem a base para as análises mais profundas (Junior; Arruda, 2016). A Análise de Jogo, em suas diversas possibilidades, faz uso de recursos estatísticos e se aplica a um universo de possibilidades ligadas à biomecânica, antropometria, fisiologia do esforço, treinamento desportivo ou a própria performance do atleta.

O voleibol, como esporte coletivo, apresenta algumas particularidades relacionadas à dinâmica do jogo, e tal como outras modalidades, as ações visam sempre os melhores resultados. Mas, somente algumas ações, não todas, se convertem diretamente em pontos. A situação específica de jogo em que a equipe realiza o ataque precedido pelo saque adversário recebe a designação de side-out, ou conforme Costa *et al.* (2014), de complexo 1. Entretanto quando este ataque conhecido como side-out não se converte em ponto, e a equipe adversária defende esse ataque, daí se inicia a transição para o contra-ataque, ou complexo 2 (Vieira *et al.*, 2024). A partir do primeiro contra ataque, toda extensão do Rally ganha a designação de contra-ataque ou complexo 2, não importando muito quanto tempo dure este Rally. Ainda assim, o saque que deu início ao Rally mais ou menos longo tem um peso no desfecho do ponto, isto é, o saque mais ou menos bem executado influencia a cadeia de eventos que ocorrem em seguida até o final do Rally.

Assim, o foco deste estudo é a relação entre o saque que dá início ao Rally e as finalizações, isto é, as ações que geram pontos, seja para uma equipe ou para outra, na intenção de elaborar índices sobre o desempenho de finalizações típicos do voleibol de alto nível. Este trabalho é voltado para as situações específicas que geram pontos no jogo.

Para isso foram preenchidos scouts de jogos da Superliga edição 2024/25 que foram transmitidos pela TV em canais de assinatura e streamings. Nenhum tipo de interação entre os pesquisadores e os atletas ocorreu, visto que toda a coleta de dados se deu em transmissões televisivas, assim, não necessitando de qualquer tipo de autorização, termo ou submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. Os scouts foram preenchidos em quantidades suficientes para garantir o caráter amostral dos dados, segundo critérios estatísticos validos. A proposta foi de preencher protocolos de scouts em 50 jogos do campeonato, isto é, em torno de 20% do total de jogos da fase de turno e returno. Os scouts foram específicos de determinadas situações e feitos em 25 jogos da Superliga feminina e 25 jogos da Superliga masculina (Junior; Arruda, 2017).

Outros estudos de Análise de Jogo se destacam por avaliar os fundamentos do jogo, seja de forma isolada, seja de forma associada ao desfecho da jogada, e procuram estabelecer escores para esses fundamentos (João *et al.*, 2006); (Costa *et al.*, 2016); (Matias; Greco, 2011). Há também estudos que procuram definir o coeficiente de eficiência, de sucesso ou de eficácia de situações de jogo, em que utilizam modelos estatísticos já validados (Junior; Arruda, 2017); (Vieira *et al.*, 2024); (Costa *et al.*, 2020). Ambos os tipos de estudos oferecem dados e referências objetivas sobre o jogo, contudo, pouco práticas do ponto de vista da

tomada de decisão rápida e imediata, na medida em que traduz o desempenho em um valor numérico que tem pouca aplicabilidade, principalmente nos momentos intensos do jogo. A proposta aqui é apresentar um novo olhar para alguns aspectos do jogo que permanecem sujeitos a novas interpretações, e pretende contribuir com o acervo de conhecimentos elaborados a partir da Análise de Jogo.

Esse estudo teve como objeto de pesquisa o saque e a sequência do Rally até sua finalização nas equipes de voleibol de alto nível que disputaram a Superliga nacional 2024-2025. No entanto, o estudo não foi especificamente da qualidade do saque ou dos fundamentos subsequentes, e sim do desfecho que o saque gera, dentre todas as possibilidades. Como se sabe, todo ponto no voleibol se inicia por um saque. Exceto quando ocorre um ponto por punições às equipes, todos os outros pontos que ocorrem no vôlei se iniciam no saque. Sendo assim, um questionamento importante que se deve colocar é: mesmo quando não ocorre especificamente o ponto de saque, que peso se deve depositar sobre o saque, como ação inicial de qualquer ponto? Que importância tem o saque mesmo num ponto de bloqueio, de ataque ou mesmo de contra-ataque? Essa questão embora seja intuitiva para muitos treinadores que tem uma ideia bastante segura da resposta, ainda não foi tratada de forma sistemática e objetiva.

A proposta deste trabalho foi elaborar uma análise o mais completa e abrangente possível sobre o saque e seu desfecho no voleibol de alto nível, fazendo uso de ferramenta de scout elaborado pelo grupo de pesquisa. Esse tipo de scout desenvolvido neste trabalho permitiu análises, percepções e conclusões únicas em relação a outros trabalhos que fazem uso do aporte da Análise de Jogo. Assim, este estudo visou fornecer informações e análises sobre o jogo de voleibol que possam subsidiar a melhora do desempenho de equipes e atletas e a tomada de decisão de técnicos e treinadores, contribuindo, assim, para aproximação entre o esporte de alto rendimento e a pesquisa científica e acadêmica.

As grandes equipes desse esporte mantem comissões responsáveis por esse tipo de informações, contudo contribuições nesse sentido são sempre valiosas e podem fornecer referencias novas para as tomadas de decisões importantes (Vieira *et al.*, 2024). O objetivo específico foi determinar o índice médio de saques que dão origem ao ponto pela equipe que saca e o índice médio de saques que dão origem ao ponto pela equipe que recebe o saque, em ambos os naipes, masculino e feminino e especificando situações de vitória e derrota no set jogado.

METODOLOGIA

O Scout é uma forma de coletar dados numéricos durante a partida ou o treinamento e possibilita que posteriormente sejam feitas análises técnicas e táticas mais detalhadas (Costa *et al.*, 2020). Os scouts se tornam essenciais para o desenvolvimento das performances dos atletas em devido à natureza numérica conferida ao desempenho. A melhora do desempenho tático e técnico de uma equipe e jogador se mostra cada vez mais dependente de ferramentas de quantificação objetivas e específicas. Assim, a sistemática do uso de aplicativos e softwares bem como as tecnologias de registro de imagens se somam aos protocolos de scouts em equipes de alto rendimento e tem se desenvolvido a passos largos na direção de auxiliar na melhora do desempenho e nas tomadas de decisão dos profissionais da área do voleibol (Costa *et al.*, 2014).

Os protocolos de scouts podem já estar prontos em modelos amplamente utilizados ou podem também ser elaborados por quem deseja coletar determinado tipo de dado pontual. Alguns protocolos, como scouts de finalização, são utilizados inclusive por emissoras de TV para apresentar resumos de performances das equipes em intervalos dos jogos, desenhando tendencias e possibilidades (Agricola; Rocha; Silva, 2024).

É fundamental para o método de Análise de Jogo o uso de scouts preenchido por pessoa que compreenda o esporte, a fim de reconhecer cada minúcia a ser descrita na coleta. Mesmo com toda a tecnologia envolvida nos esportes, é imprescindível o conhecimento do observador para garantir a qualidade dos dados, já que ao anotar os dados está sujeito a aleatoriedade de acontecimentos no jogo, à interpretação do próprio árbitro na definição do ponto e a imprevisibilidade e padronização de critérios de definição (Matias; Greco, 2009).

Neste trabalho o protocolo de scout utilizado foi elaborado pelo próprio grupo de pesquisa visando atender aos objetivos. Assim, o protocolo utilizado registrou a equipe que saca e a equipe que conquista o ponto. A tentativa aqui foi de identificar o efeito do saque no resultado do ponto, ou seja, em que medida o saque determina o ponto. Após a coleta de dados em que foi utilizado protocolo de scouts adaptado aos objetivos, os dados foram tabulados em planilhas de excel. Foram quantificados e tratados estatisticamente, e em seguida utilizados em operações probabilísticas a fim de responder aos objetivos selecionados (Callegari-Jacques, 2003).

Cada saque executado no voleibol apresenta três possibilidades de desfecho: O erro de saque, o ponto direto de saque e a continuidade da jogada, que recebe a designação de rally, e que pode ser mais ou menos longo, mas que invariavelmente se converterá em um ponto para a equipe sacadora ou para a equipe receptora. Sabe-se que o terceiro desfecho ocorre com muito mais frequência que os outros dois, o que não se sabe é o quanto o saque que gera um rally pode influenciar ou determinar o desfecho desse rally. Na medida em que o ponto é finalizado no side-out (equipe que recebe o saque) ou no complexo 2 (situações de contra-ataque), o saque que deu origem à jogada exerce influência sobre seu desfecho. Em outras palavras, o que se busca saber é a probabilidade do saque se converter em ponto para a equipe que saca e para a equipe que recebe o saque. Esse foi o objetivo central deste trabalho.

A superliga é disputada ano a ano entre 12 equipes em sistema de turno e returno, como fase de classificação, e em seguida em sistema de playoffs, eliminatório, até que se chegue a um campeão. O sistema de turno e returno prevê que cada equipe jogue contra todas as outras equipes duas vezes, um na própria quadra e outra na quadra adversária. O turno e returno soma um total de 132 partidas ao longo de cerca de quatro meses de competição, em cada naipe. A fase de playoffs não tem um número fixo de partidas, podendo variar de 13 a 21 partidas, conforme a necessidade de jogos desempate.

Este trabalho está centrado exclusivamente nos jogos da fase de turno e returno e contou com o registro de 50 jogos, que corresponde a pouco menos de 1/6 do total de jogos desta fase, nos dois naipes. Essa estratégia garantiu o caráter amostral e representativo do estudo. Este trabalho foi desenvolvido durante a Superliga de voleibol temporada 2024/25, que se iniciou por volta de outubro de 2024 e terminou em meados de abril de 2025. Os jogos foram acompanhados pela TV através dos serviços de assinatura online, e os scouts preenchidos durante a transmissão da partida. Assim, não houve qualquer tipo de interação ou contato entre os pesquisadores e as equipes ou jogadores, tornando desnecessária a submissão desta proposta ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Como foi utilizado um modelo de scout desenvolvido na própria pesquisa, foi feito um ensaio piloto a fim de se testar a ferramenta e verificar possíveis dificuldades ou falhas no tipo de dado. O ensaio piloto também foi importante para o domínio da ferramenta pelos pesquisadores. O ensaio piloto foi realizado antes do início da temporada de jogos da superliga 2024/25.

RESULTADOS

O registro dos saques ocorreu de duas formas: saques menos (-) e saques mais (+). O que define o registro é o resultado do rally, isto é, se ao fim do rally o ponto foi anotado pela equipe que recebeu o saque, este recebe o registro de saque menos (-). Se ao fim do rally o ponto foi anotado para a equipe que sacou, este recebe o registro de saque mais (+). Os saques menos (-) foram aqueles que se desdobraram em pontos para o adversário. Desde o saque errado ou fora, até o saque que gerou rally com ataque e contra ataques diversos, se o ponto foi anotado para a equipe que recebe o saque este saque então é registrado como menos. Já os saques mais (+) foram aqueles que se desdobraram em pontos para a equipe que saca, seja por ponto direto de saque, por erro de recepção ou ao fim de rally mais ou menos longo, se o ponto foi anotado para a equipe que saca, este saque foi registrado como saque mais (+).

Além desses dois principais registros, também foram registrados o total de saques dados em cada set, os saques errados, os aces e a diferenciação entre sets vencedores e perdedores. Todos esses registros foram feitos em jogos de voleibol masculino e feminino, diferenciando os resultados entre os dois naipes.

A média de saques por set é de 22,63 (± 4,75) no feminino e 23 (± 3,52) no masculino, incluindo perdedores e vencedores. Como se observa, não existe diferença significativa entre a quantidade de saques dados por set entre masculino e feminino. Já a média de saques entre sets vencedores é 25,22 (± 2,43) no feminino e 24,97 (± 1,69) no masculino (tabela 1). Importante citar que os sets em que o placar foi além de 25 pontos foram excluídos do cálculo da média de saques por set.

Como se esperava, a média de saques para sets vencedores é sempre muita próxima de 25 pontos em função de ser este o placar usual para vitória no set. Entre sets perdedores a média de saques é 21,14 (± 4,72) no feminino e 21,53 (±3,42) no masculino, mostrando um equilíbrio próximo entre masculino e feminino e, o mais importante, uma pequena diferença entre vencedores e perdedores. Essa diferença em torno de 4 pontos entre perdedores e vencedores sugere o equilíbrio entre as equipes que disputaram o campeonato (tabela 1).

Tabela 1 – total de dados de saque.

Dado	Masculino	Feminino
média de saques por set	23 ± 3,52	22,63 ± 4,75
Media de saques - / set	16,04 ± 2,36	13,85 ± 3,04
Media de saques + / set	6,98 ± 3,03	8,77 ± 3,67
% media de saques - / set	69,74 %	61,19 %
% media de saques + / set	30,37 %	38,74 %
Media de erros de saque / set	3,94 ± 1,65	1,9 ± 1,12
% media de erros de saque / set	17,1 %	8,39 %
Media de aces /set	0,89 ± 0,98	0,9 ± 0,85
% media de aces / set	3,86 %	3,98 %

Fonte: elaborada pelos autores.

A média de saques menos (-) por set foi de 13,85 (± 3,04) no feminino e 16,04 (± 2,36) no masculino. Essa diferença se mostra também nos saques mais (+), 8,77 (± 3,67) no feminino e 6,98 (± 3,03) no masculino (tabela 1). Esses resultados sugerem que o side-out no voleibol masculino é ligeiramente mais eficiente do que no voleibol feminino. Por outro lado, sugere também que no voleibol feminino os rallys são um pouco mais longos, pois um terço dos pontos feitos são de saques mais (+), que correspondem, em grande parte, a situações de contra-ataque.

No voleibol masculino praticamente 70% dos saques realizados são saques menos (-), isto é, saques que se desdobram em ponto para o adversário, e 30% são de saques mais (+). No feminino o saque menos (-) cai para 61% de todos os saques realizados no set e o saque mais (+) sobe para 38% (tabela 1).

A média de erros de saque no masculino é de 3,94 (± 1,65) por set, e no feminino é de 1,9 (± 1,12). Já a média de aces no feminino é de 0,9 (± 0,85) e no masculino 0,89 (± 0,98) por set jogado (tabela 1).

Quando se compara os resultados de sets vencedores com sets perdedores os dados são um pouco diferentes. A média de saques por set em sets vencedores foi de 24,97 (± 1,69) no masculino e 25,22 (± 2,42) no feminino. Em geral a equipe que vence o set executa entre 24 e 26 saques, variando conforme a equipe que faz o primeiro ponto no jogo (tabela 2).

Tabela 2 – dados de saque executados por equipes que venceram o set.

Dado em sets vencedores	Masculino	Feminino
Media de saque por set vencedor	24,97 ± 1,69	25,22 ± 2,43
Media de saques – por set vencedor	15,86 ± 2,24	13,89 ± 2,74
Media de saques + por set vencedor	9,16 ± 1,94	11,34 ± 2,37
% media de saques – por set vencedor	63,51%	55,04%
% media de saques + por set vencedor	36,7%	44,96%

Fonte: elaborada pelos autores.

Entretanto, quando o set se estende para além dos 25 pontos, quando o placar se iguala em 24 a 24, ou 25 a 25, e assim por diante, a quantidade de saques dados pelas duas equipes aumenta e pode elevar a média até mais do que o limite de 25 pontos. Em sets perdedores a média de saques dados por set foi de 21,53 (± 3,47) no masculino e 21,14 (± 4,72) no feminino. Praticamente não há diferença entre os dois naipes (tabela 3).

Os saques menos (-) entre sets vencedores foram de 15,86 (± 2,24) no masculino e 13,89 (± 2,74) no feminino. Esse dado nos mostra que das equipes que venceram o set, cerca de 63% dos saques dados se desdobraram em pontos para o adversário no masculino e no feminino 55% (tabela 2).

Tabela 3 – dados de saque executados por equipes que perderam o set.

Dados em sets perdedores	Masculino	Feminino
Media de saque por set perdedor	21,53 ± 3,47	21,14 ± 4,72
Media de saques – por set perdedor	16,44 ± 2,22	14,37 ± 2,93
Media de saques + por set perdedor	5,02 ± 2,37	6,77 ± 3,16
% media de saques – por set perdedor	73,39%	67,97%
% media de saques + por set perdedor	23,35%	32,02%

Fonte: elaborada pelos autores.

Já entre os sets perdedores os saques menos (-) foram 16,44 (± 2,22) no masculino e 14,37 (± 2,93) no feminino. Considerando que há diferença entre o total de saques dados por equipes que vencem o set e equipes que perdem o set, equipes que perdem o set executam 73,4% de saques que se desdobram em pontos para o adversário no masculino. No feminino cerca de 68% dos saques dados se convertem em pontos para o adversário (tabela 3).

Os saques mais (+) entre sets vencedores foram 9,16 (± 1,94) no masculino e 11,34 (± 2,37) no feminino, o que representa em valores relativos 36,7% no masculino e 45% no feminino (tabela 2).

Como se sugere, no voleibol masculino o side-out é mais eficiente do que no feminino. Por outro lado, no feminino os rallys são mais longos proporcionando mais situações de contra-ataque. Nos sets perdedores os saques mais (+) foram 5,02 (± 2,37) no masculino e 6,77 (± 3,16) no feminino, em valores relativos 23,3% no masculino e 32% no feminino (tabela 3).

O saque no voleibol masculino tem menor efeito no desfecho da jogada em comparação com voleibol feminino. O fato de que o número de saques menos (-) no masculino é maior do que no vôlei feminino sugere que os homens tem maior facilidade de receber o saque e organizar o ataque (side-out), revelando que neste naipe o saque produz menor efeito ofensivo. Já no vôlei feminino, o fato do saque menos (-) ter menor índice que no masculino sugere que as mulheres tem mais dificuldade em receber o saque e organizar o ataque com eficiência, o que fica evidente também no índice de saques mais (+) do vôlei feminino. O maior índice de saques (+) no feminino permite dizer que o saque produz maior efeito ofensivo no voleibol feminino.

Como se observa, o erro de saque no voleibol masculino é o dobro do voleibol feminino. Isso se deve em parte pela tentativa das equipes em imprimir aos saques maior poder ofensivo. Assim, muitos saques são colocados com extrema força e por isso a margem de erro desse saque acaba sendo maior. O saque no feminino apresenta metade dos erros do masculino e ainda assim produz maior efeito ofensivo, pois a quantidade de aces, ou pontos diretos de saque, é praticamente o mesmo entre homens e mulheres.

Outra observação importante é o fato de que tanto em sets vencedores quanto em sets perdedores os saques menos (-) variam muito pouco (tabelas 2 e 3). No entanto, os saques mais (+) variam de forma significativa entre equipes vencedoras e perdedoras dos sets. Isso sugere que o que realmente vai determinar a vitória nos sets é quantidade de contra-ataques gerados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados neste trabalho permitem uma série de reflexões e análises variadas, na medida em que se lê os resultados com cada vez mais atenção ao contexto. O tipo de dado levantado neste trabalho nos remete ao passado do voleibol, em que os pontos no jogo eram disputados com a existência da vantagem, isto é, o rally vencido só se convertia em ponto caso a equipe que o vencesse fosse a mesma que sacou. Caso contrário a equipe ganhava somente a vantagem e o direito de sacar no próximo rally. Assim, para se conquistar o ponto era necessário se "confirmar" o saque, ou seja, sacar e vencer o rally. A forma como se tratou a coleta de dados neste trabalho resgata essa perspectiva, na medida em que o saque mais (+) é o que foi o ponto no voleibol anterior ao ano de 1999, e o saque menos (-) o que foi a vantagem.

A atual configuração do ponto no voleibol retirou o olhar que era necessário ao saque, uma vez que os pontos e a vitória só vinham a partir da execução do saque confirmado. Contudo a dinâmica dos fundamentos, das ações, sequencias e transições não se alteraram em relação ao voleibol anterior a 1999, assim, caiu em desuso o parâmetro de analise que envolvia a confirmação ou não do saque. Entretanto, a realidade prática permanece, e os dados mostram que a perspectiva de confirmação ou não do saque é um parâmetro intrinsecamente associado à vitória ou à derrota no set.

O voleibol feminino apresenta maior efetividade no saque, no que diz respeito ao efeito do saque para o desfecho do ponto. Mais de um terço dos saques dados no feminino são confirmados, ou seja, se convertem em ponto para a equipe que saca.

O voleibol masculino, embora consiga imprimir maior força ao saque, não tem o mesmo desempenho do feminino e apresenta maior dificuldade em confirmar o saque, isto é, em converter essa vantagem de sacar em ponto, na medida em que se erra mais saques e também se permite maiores índices de side-out pela equipe que recebe o saque.

O fator de diferença entre o masculino e o feminino envolve algumas hipóteses diferentes, entre elas: a altura da rede, que no feminino é mais baixa e portanto permite um saque rasante mais baixo com menor risco de erro para fora da quadra; a diferença de potência física, que dá ao masculino saques mais fortes e consequentemente mais arriscados; maior domínio da recepção do saque no voleibol masculino e consequentemente maior facilidade de converter o primeiro ataque (side-out) em ponto; no voleibol feminino as jogadoras desenvolvem um saque mais preciso, e consequentemente mais eficiente, em função da menor força física; a tradicional formação de base dos atletas que desde as categorias iniciais já se acostumam a jogar com o saque com as características típicas de seu naipe.

Uma questão que se levanta é se o saque se constitui realmente em vantagem. Antes do início das partidas os capitães das equipes participam do sorteio realizado pelo arbitro principal e que irá definir qual equipe inicia o set sacando e qual equipe inicia recebendo o saque. Diferente do que se imagina, na maioria das ocasiões o capitão vencedor do sorteio escolhe receber o saque, confirmando a tese de que o saque não se constitui realmente como vantagem ou os jogadores não percebem o saque como vantagem. No masculino essa preferência por receber o saque se dá praticamente em 100% dos sorteios. Como no vôlei feminino os índices de side-out são menores que no masculino, há de se compreender que a percepção do saque como vantagem varia entre os naipes, e no feminino as capitãs em geral escolhem iniciar o set sacando. Na medida em que a vitória no set é determinada pela quantidade de saques mais (+), ou de contra-ataques gerados, a execução de um bom saque realizado com consciência tática de forma a imprimir dificuldades à recepção adversária é a situação desejável entre treinadores.

Como se viu, não se buscou estabelecer um coeficiente ou atribuir uma determinada nota a qualquer saque, menos ainda se avaliar a execução técnica ou tática deste fundamento, como tantos outros trabalhos (João *et al.*, 2006); (Costa *et al.*, 2016); (Matias; Greco, 2011). A tentativa aqui foi de produzir uma análise de caráter prático e funcional em que as probabilidades foram estabelecidas em valores percentuais, sempre na intenção de instrumentalizar treinadores e analistas de desempenho com um olhar diferente a partir de um instrumento diferente. Recomenda-se novos estudos do voleibol e seus fundamentos buscando sempre novos olhares e perspectivas a fim de enriquecer as análises.

REFERÊNCIAS

AGRICOLA, N.P.A; ROCHA, R.O.; DA SILVA, V.C. O erro no voleibol a partir da análise de jogo. **Revista Praxia**. Goiânia, v.6, p.e2024013, 2024.

CALLEGARI-JACQUES, S.M. **Bioestatística:** Porto Alegre: Artmed, 2003.

COSTA, G.C.T.; BARBOSA, R.V.; FREIRE, A.B.; MATIAS, C.J.A.S.; GRECO, P.J. Análise das estruturas do Complexo I à luz do resultado do set no voleibol feminino. **Motricidade**, v.10, n.3, p.40-49, 2014.

COSTA, G.C.T.; CECCATO, J.S.; OLIVEIRA, A.S.; EVANGELISTA, B.F.B.; CASTRO, H.O.; UGRINOWITCH, H. Voleibol masculino de alto nível: associação entre as ações de jogo no *side-out.* **J. Phys. Educ**. v.27, p.e2752, 2016.

COSTA, G.C.T.; FREIRE, A.B.; ECHEVERRIA, C.F.; EVANGELISTA, B.F.B.; PEDROSA, G.F.; UGRINOWITSCH, H.; CASTRO, H.O. Análise do ataque do jogador de ponta no voleibol brasileiro masculino. **Rev Bras Ciênc Esporte**. v.42, p.e2003, 2020.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista**

Portuguesa de Ciências do Desporto. v.1, n.1, p.57-64, 2001.

GOUVEIA, F.L. **Análise das ações de jogos de voleibol e suas implicações para o treinamento técnico-tático da categoria infanto-juvenil feminina (16 e 17 anos),** f. 83, (Dissertação de Mestrado). Campinas/SP, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

JOÃO, P.V.; MESQUITA, I.; SAMPAIO, J.; MOUTINHO, C. Análise comparativa entre o jogador libero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v.6, n.3, p.318-328, Setembro/Dezembro 2006.

JUNIOR, N.K.M.; ARRUDA, D. Análise do jogo de voleibol: ensino da execução dessa tarefa com excel®. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício,** São Paulo. v.10, n.57, p.112-130. Jan./Fev. 2016.

JUNIOR, N.K.M.; ARRUDA, D. Análise do jogo de voleibol com novo scout elaborado no excel®. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. v.11, n.68, p.525-541. Set./Out. 2017.

MASSA, M.; BOHME, M.T.S.; DA SILVA, L.R.R.; UEZU, R. Análise de referenciais cineantropométricos de atletas de voleibol masculino envolvidos em processos de promoção de talentos. **Revista Mackenzie de Educação Física e esportes.** Ano 2, n. 2, p.101-113, 2003. MATIAS, C.J.A.S.; GRECO, P.J. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. Goiania: **Pensar a Prática** v.12 n.3, p.1-16, set/dez 2009.

MATIAS, C.J.A.S.; GRECO, P.J. Análise da organização ofensiva dos levantadores campeões da superliga de voleibol. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.4, p.1007-1028, out./dez. 2011.

VIEIRA, P.H.C.; SANTANA, A.F.P.; BERNARDES, J.F.L.; SOUZA, J.V.A.; COSTA, G.D.C.T. Análise do sequenciamento dos complexos de jogo no voleibol feminino: implicações para o treinamento. **Corpoconsciência**, Cuiabá/MT, v.28, n.e17521, p.1-13, 2024.

Alameda do Ipês, 712
Brisas
Jataí/GO
75803-630